

LIVRO DO MÊS

Poderia o trabalho de duas mulheres que jamais se conheceram – uma brilhante cientista e uma policial determinada – colocar um assassino frente a frente com a justiça?



Testemunha silenciosa

Por Tim Bouquet

Personagens principais –
A Dra. Helena Greenwood
(acima) e a detetive Laura
Heilig, na Califórnia.



HELENA Greenwood certificou-se de que os dois gatos se achavam dentro de casa e de que todas as portas estavam trancadas. Embora ainda fosse abril, fazia calor o suficiente para colocar as telas contra mosquito nas janelas da casa térrea de madeira e estuque, localizada na Walnut Avenue, em Atherton, na Califórnia, mais ou menos uma hora de carro ao sul de São Francisco.

Ao ir para o quarto, a jovem cientista deu uma olhada no calendário. Só mais dois dias e o marido voltaria da viagem de trabalho. Helena mal podia esperar para vê-lo.

Era sábado à noite e, como sempre, tivera uma semana difícil na Syva, líder de mercado no ramo de diagnósticos médicos, onde trabalhava no departamento de *marketing* internacional. Por volta das 22 horas, pôs o livro de lado, apagou a luz e se aconchegou para dormir.

Vinte minutos depois, foi acordada por um vulto na penumbra. Seus olhos castanhos arregalaram-se imediatamente.

O vulto, escuro e alto, ocupando todo o vão da porta do quarto, deu um silencioso passo à frente. A mão direita empunhava uma lanterna; na esquerda, Helena podia ver a arma. Instintivamente, ajoelhou-se na cama e agarrou os lençóis com toda a força de encontro ao corpo.

— Tire a roupa!

Apavorada, Helena tirou a camiseta e a calcinha. Pensando rápido,

tentou apagar o homem lhe oferecendo dinheiro. Ele a seguiu até o escritório, onde ela despejou o conteúdo da bolsa no chão.

— Pode ficar com tudo — disse-lhe Helena. Mas só conseguiu encontrar 75 centavos de dólar.

— Volte para o quarto! — ordenou o homem.

Lá, mandou-a acender a luz e se sentar na cama. Sua cabeça estava completamente coberta por um capuz, revelando apenas os olhos. O homem se aproximou e colocou as duas mãos sobre os ombros dela.

Helena resistiu e conseguiu se pôr de pé.

— Não! — gritou, empurrando-o. — Não posso fazer isso! Não quero!

Ele a empurrou e ela sentiu a força de seus braços.

— Não seja inconveniente ou terei de puxar a arma outra vez — ameaçou, enquanto Helena recuava, aproximando-se da cama. — Agora vamos — disse ele, empurrando-a contra os travesseiros. — Estou com tanto medo quanto você.

Helena olhava aterrorizada enquanto o homem abria o zíper da calça *jeans*.

O SARGENTO Steve Chaput, do Departamento de Polícia de Atherton, que chefiava as investigações sobre o ataque, pediu a Helena Greenwood que contasse mais uma vez a sua história. Era o dia 9 de abril de 1984, dois dias após a ocorrência.

Embora não tivesse visto o rosto do seu agressor, Helena acreditava

Helena relatou que seu agressor tinha voz educada e usava roupas de baixo perfumadas.

que ele devia ter entre 22 e 28 anos. Ela era alta, tinha 1,78 metro, mas ele era ainda mais alto do que ela. Calculava que devia ter cerca de 1,90 metro, mais de 90 quilos e porte atlético.

— De que cor eram os olhos? — indagou Chaput.

— Escuros, penetrantes, mas não tenho certeza da cor. A pele em torno do olho direito era muito lisa, sem rugas.

— Notou algo mais?

— A voz. Era uma voz muito educada — continuou Helena. — E ele não usou gírias.

Fez uma pausa e, de súbito, lembrou-se de outro detalhe:

— Ah, suas roupas de baixo eram perfumadas.

Estava claramente abalada, mas Chaput se comoveu com a bravura de Helena. Sua experiência demonstra que a maioria das mulheres não registrava queixa de crimes sexuais, e muito menos os revivia na frente de um detetive. Ela havia tido até mesmo a presença de espírito de dar uma olhada na casa, quando lá voltara para apanhar algumas roupas, no dia seguinte à agressão.

Do lado de fora da janela da cozinha, havia um caixote emborcado no qual o homem devia ter ficado de pé para remover a tela antes de en-

trar na casa. Não muito distante, no jardim, ela encontrou seu bule de chá favorito, que costumava ficar sobre o parapeito da janela. Percebendo que não deveria tocá-lo, chamara a polícia imediatamente.

Chaput agora tinha a impressão digital que o homem deixara no bule.

Não correspondia à de ninguém incluído nos registros policiais, mas ele não desanimou.

— Quando o pegarmos, a senhora concorda em depor e dar o seu testemunho? — Chaput perguntou, temendo que ela recuasse.

— Concordo — respondeu Helena, sem pestanejar.

INTELIGENTE E ENCANTADORA

QUANDO Helena Greenwood era estudante, uma vez perguntou ao pai, Sydney:

— O senhor costuma se preocupar com o que vai acontecer a seguir?

— Como assim?

— Por exemplo, que talvez o tempo deste país já tenha passado e que o futuro esteja nos Estados Unidos?

Sydney, um homem estudioso e criativo, era chefe do departamento de *design* e belas-artes da Faculdade

de Artes de Southampton, Inglaterra. Ele e a mulher, Marjorie, professora, haviam criado a filha para que tivesse uma mente investigativa. Sabiam que uma filha única podia se tornar uma criança solitária, então cuidaram para que a infância de Helena, durante a década de 50, envolvesse muitas pessoas e uma variedade de ocupações, tais como os escoteiros do mar, grupos de teatro e aulas de arte.

Desde muito jovem ela se revelou uma líder. Aos 14 anos, era sempre a primeira a pegar no leme, durante as regatas ao largo de Portland Bill. Costumava também tomar conta das outras crianças, sempre as incentivando a dar o melhor de si.

Helena era boa aluna, destacando-se em ciências. Nos anos 60, enquanto os jovens de sua idade preferiam o *flower power* e os protestos, Helena se dedicava aos estudos para ingressar na universidade. Chegou a trabalhar, de jaleco branco e tudo, no laboratório de patologia de um hospital das redondezas. Ela ansiava por seguir os passos de Francis Crick, James Watson e Maurice Wilkins, três homens audaciosos o bastante para, enxergando além do âmbito de seus cam-

pos de trabalho, revelar ao mundo o segredo da vida, ao descobrirem a dupla hélice do DNA, em 1953.

Depois de se formar em bioquímica pela Sheffield University, Helena casou-se com um homem que conhecera no sexto período. Roger Franklin era arrojado, inteligente e obcecado por barcos e pela vida ao ar livre. Logo se apaixonou por aquela garota dedicada, de fartos cabelos escuros e risada contagiante. Mudaram-se para Londres em 1972. Roger aceitou um emprego na área de planejamento urbano da obra de construção da Barragem do Tâmesa, e Helena matriculou-se num programa de doutorado na faculdade de medicina do St. Bartholomew Hospital, que pertence à Universidade de Londres.

Lá, ela trabalhou no desenvolvimento de uma tecnologia que ajuda a definir a dose mais eficaz de determinada droga.

Em 1976, aos 27 anos, Helena obteve o título de doutora. Seu orientador, o professor John Landon, descreve-a como uma das melhores doutorandas com quem já teve a oportunidade de trabalhar. "Ela não era apenas inteligente, demonstrando enorme energia e deter-



Entre pai e filha – Helena ainda bebê, num passeio com o pai, Sydney.

Em família – Roger, marido de Helena (foto menor), com os pais dela.



minação; era também sociável, popular, capaz de conviver muito bem em grupo.”

Helena reconhecia não só os benefícios acadêmicos e humanitários da pesquisa médica, como também suas possibilidades comerciais. Por que não deveriam os cientistas lucrar com seus progressos médicos, transportando-os do laboratório para o mercado? Foi essa convicção que a levou para a Califórnia, ao aceitar um emprego de pesquisa e desenvolvimento nos Laboratórios Syva, em Palo Alto, perto de São Francisco.

As horas de trabalho eram extenuantes e as exigências, implacáveis. Helena vivia apressada; as roupas caras sempre um pouco amarrotadas. Durante esse período, Roger completou o mestrado em paisagismo.

Após dois anos, Helena assumiu um novo cargo na Syva, no departamento de *marketing* internacional. Deu a volta ao mundo descobrindo, por intermédio de médicos e cientistas, de que tipo de produto para diagnóstico eles precisavam a fim de detectar e tratar doenças. Por ser também cientista, falava a língua deles. Com facilidade natural para se relacionar, convencia-os a comprar os produtos da empresa que representava.

Mesmo quando a Syva perdeu 50% do mercado que detinha nos Estados Unidos para uma concorrente, Helena conseguiu mantê-la na liderança do mercado internacional.

O alvo de Helena, no entanto, era uma nova tecnologia que, se aplicada comercialmente, prometia salvar vidas. O nome da novidade tinha apenas três letras: DNA.

O esperma encontrado pertencia a um homem com sangue do tipo O, o mesmo de Frediani.

“Papai”, escreveu ela a Sydney, entusiasmada, em uma de suas frequentes cartas, “isto vai mudar o mundo. Um dia haverá bancos de dados de informações genéticas que ajudarão a polícia a descobrir quem é culpado e quem é inocente.”

Na época, o pai não tinha a menor idéia do que Helena queria dizer com aquilo.

“Eu apenas me sentia orgulhoso de termos gerado uma garota tão inteligente e encantadora como ela.”

PROCURANDO UMA BRECHA

ONZE MESES depois, o detetive Steve Chaput continuava sem pistas sobre o que parecia ser um crime isolado, ao acaso. Estava folheando boletins do Sistema de Informações da Polícia da Califórnia quando o registro da delegacia de um distrito vizinho chamou a sua atenção.

Um homem havia sido preso ao ser pego se masturbando diante da janela do quarto de uma menina de 13 anos. Ele também era procurado por vaguear pelas vizinhanças, como se em busca de uma vítima, por exibicionismo e tentativa de estupro.

O suspeito, libertado sob fiança,

usara um capuz ou um casaco encobrindo a cabeça, de maneira que apenas seus olhos ficavam visíveis.

Quem sabe este é o homem!, torcia Chaput ao enviar a impressão digital encontrada no bule de chá de Helena ao laboratório de criminologia. E, de fato, a impressão correspondeu, com perfeição, à do suspeito.

Exatamente um ano após o ataque sofrido por Helena, Chaput bateu à porta de um dos apartamentos de um luxuoso condomínio em San Mateo, na área da Baía de São Francisco.

— David Paul Frediani?

— Eu mesmo — respondeu o homem moreno, alto e atlético.

— Precisamos conversar.

Chaput ficou sabendo que David Frediani tinha 30 anos, era formado em contabilidade e administração de empresas e trabalhava como gerente financeiro de uma firma de administração de imóveis. Esportivo mas de poucos amigos, Frediani ganhava bem e vivia com a companheira, Audrey. Costumava também circular pelos bares da redondeza e tivera uma série de namoradas.

— O senhor conhece Atherton? — perguntou Chaput.

A respiração de Frediani se acelerou e ele pareceu ficar ansioso.

— Sei onde fica, mas não conheço o lugar.

Em seguida, contou que o vice-presidente da empresa em que trabalhava morava lá.

– O senhor alguma vez agrediu sexualmente uma mulher, numa casa em Atherton?

– Não.

– Sabe, Sr. Frediani – continuou Chaput –, houve um crime sexual muito grave em Atherton. O agressor entrou pela janela da cozinha, mas, para isso, teve de afastar um bule de chá do peitoral e acabou deixando uma impressão digital. Essa impressão digital é a sua.

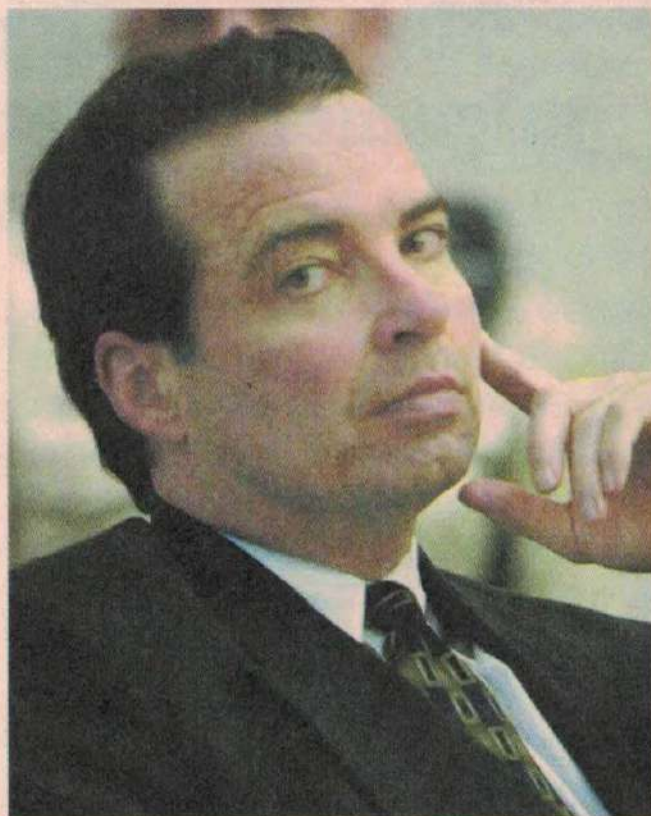
Chaput viu Frediani perder o fôlego.

“Foi como se eu o tivesse golpeado fisicamente”, contou o policial mais tarde.

Chaput também mandara fazer uma análise serológica do esperma encontrado no travesseiro de Helena. O exame revelou que a amostra provinha de um homem com sangue do tipo O, o mesmo de Frediani. Nos tempos anteriores à análise de DNA, isso era o melhor que se podia esperar.

O ÉDEN DA BIOTECNIA

A ESSA ALTURA, Helena e Roger haviam se mudado para San Diego, onde, em 1984, três jovens e arrojados cientistas fundaram uma empresa chamada Gen-Probe para dar início a uma investigação especial sobre o DNA que possibilitaria diagnosticar



© SAN DIEGO UNION-TRIBUNE

O suspeito – As impressões digitais de David Frediani correspondiam às marcas deixadas no bule.

doenças infecciosas com rapidez e precisão.

Mas quem poderia ajudá-los a dobrar o conservador *establishment* da pesquisa médica americana? Helena Greenwood era a escolha óbvia. Com apenas 35 anos, ela agarrou a oportunidade de se tornar vice-presidente dessa nova e empolgante empresa. Com seu empenho característico, conseguiu convencer os médicos. A Gen-Probe foi tão bem-sucedida, que logo um grupo de altos prédios espelhados parecia brotar da paisagem acidentada do cânion nos arredores de San Diego. Atualmente, a região abriga mais de 200 empresas de biotecnologia e ficou conhecida como o “éden da biotecnologia”.

“Ela nunca perdeu a noção do

‘Estou preocupado com esse julgamento. Tem certeza de que não quer que eu fique?’

“mundo exterior”, diz Sam Morishima, que trabalhou com Helena na Syva e foi recrutado por ela para a Gen-Probe. “Sabia que a maior parte das pessoas que usava *kits* de exames laboratoriais era composta de mulheres. Ainda assim, os *kits* eram volumosos, difíceis de manipular. Sem comprometer o lado científico, Helena nos fez elaborar *kits* menores e mais leves. Queria tornar o exame de DNA o mais simples possível.”

Helena também comparecia a muitas reuniões em outras empresas, para desenvolver outro de seus sonhos: exames de DNA forense.

Ela e Roger levavam uma vida idílica, esquiando no Parque Nacional de Yosemite ou caminhando nas montanhas da High Sierra. Na casa que alugaram acima da cidade costeira de Del Mar, Helena pendurou algumas das bonitas paisagens pintadas por seu pai e dava festas para um grupo cada vez maior de amigos e colegas de trabalho.

Sydney e Marjorie vinham visitá-la com frequência. Nunca tinham visto a filha tão feliz.

Então, numa noite de abril de 1985, tocou o telefone. Roger atendeu. Ao retornar, Helena viu a expressão de preocupação em seu rosto.

— É o sargento Chaput — disse Ro-

ger, tomando-lhe a mão. — Eles prenderam um homem. Você terá de depor daqui a três semanas.

SOZINHA NO BANCO DAS TESTEMUNHAS

DURANTE mais de uma hora, o advogado de defesa, Craig Collins, interrogou Helena rigorosa e minuciosamente, na audiência preliminar para determinar se David Frediani deveria ou não ser julgado. Collins lançou mão de todas as oportunidades para tentar demonstrar que a descrição do agressor dada por Helena não correspondia à de seu cliente. Ele repassou uma lista de características físicas, do tom da pele à cor dos pêlos pubianos, e chegou a sugerir que o copo de cerveja que ela tomara naquela noite “poderia ter tido algum impacto sobre sua capacidade de percepção”.

As emoções de Helena finalmente vieram à tona, quando ela explodiu: “Eu não estava tentando identificar uma pessoa! Estava tentando sobreviver!”

Frediani permaneceu impassível durante toda a audiência. Seu olhar cruzou com o de Helena uma única vez, quando ela lhe pediu que se le-

vantasse para confirmar que ele tinha a mesma altura e tipo físico de seu agressor.

O testemunho de Helena combinado às provas científicas e de impressão digital foi o bastante para convencer o juiz de que Frediani deveria ser julgado por agressão sexual e porte de arma. A data foi marcada para setembro de 1985, quando Helena mais uma vez seria chamada a depor.

Ela, porém, afastou o julgamento dos pensamentos quando, em fins de maio, foi às pressas para a Inglaterra cuidar da mãe, em estágio terminal de leucemia. Alguns dias após o enterro, Sydney, então com 72 anos, voltou para a Califórnia com Helena. Como ambos estivessem em estado de choque, não tinham muito o que dizer um ao outro, mas encontraram alento na silenciosa proximidade que compartilhavam.

Apenas dois meses antes, Helena e Roger haviam se mudado para outra casa alugada em Del Mar. Moravam agora na 23rd Street, uma pequena rua sem saída a uma quadra e meia do Oceano Pacífico.

Embora ficasse próxima ao paraíso do surfe, Helena não gostava muito da casa. A linha do trem corria bem ao lado, formando uma barreira. Uma cerca de bambu de 1,80 metro rodeava o pátio, sombreado mais ainda por árvores densas. Mas teria de servir, até que ela e Roger pudessem se mudar para a casa que haviam concordado em comprar.

Sydney também não gostava de

lá. Diversas vezes, ao sair para caminhar enquanto Helena se encontrava no trabalho, teve a sensação de estar sendo observado. Certa ocasião deu a volta por trás da casa, furtivamente, esperando surpreender alguém. Não encontrou ninguém por perto, mas aquilo o deixou nervoso. Quando fazia as malas para voltar para a Inglaterra, no fim de julho de 1985, disse à filha:

– Estou preocupado com esse julgamento. Tem certeza de que não quer que eu fique?

Helena o abraçou.

– Não se preocupe, papai. Logo, logo vamos nos ver de novo.

NOTÍCIAS CHOCANTES

OSOL JÁ despejava sua luz através das janelas quando Helena e Roger se levantaram às 6h15, como sempre faziam, no dia 22 de agosto. Tomaram o café da manhã juntos e, então, Helena vestiu-se rapidamente com um conjunto de saia e *blazer* de linho azul-claro e uma blusa preta.

Um pouco antes das 8 horas, ela e Roger saíram de braços dados e atravessaram o jardim até o carro dele, onde Helena lhe deu um beijo de despedida. Após trancar o portão do jardim, que tinha quase dois metros de altura e era o único acesso à propriedade, Helena entrou para dar alguns telefonemas antes de ir para o escritório.

A tarde começava quando a se-

cretária de Helena entrou na sala de Sam Morishima.

— Sabe de Helena? — perguntou-lhe ela. — Já perdeu uma reunião e agora está atrasada para outra.

Morishima jamais ouvira falar de Helena ter perdido uma única reunião, muito menos duas. Talvez estivesse doente. Mas ele tinha estado em sua casa na noite anterior, num churrasco de boas-vindas a um novo integrante da equipe, e ela parecia bem. Haviam conversado animadamente sobre o futuro: Helena acreditava que a Gen-Probe tinha agora a equipe ideal para tornar-se líder mundial.

— Já ligou para a casa dela? — perguntou Sam à secretária.

— Ninguém atende.

— Se ela não aparecer dentro de cinco minutos, ligue para o trabalho de Roger.

Às 13h30, Roger Franklin saiu correndo do escritório em San Clemente, 45 minutos ao norte de Del Mar, entrou no carro e dirigiu até em casa o mais rápido que pôde, apavorado com a possibilidade de Helena ter se envolvido em algum acidente de trânsito. Ao ver o carro esporte da mulher do lado de fora da casa, deixou escapar um suspiro de alívio.

Os portões do jardim não abriam. Roger empurrou com mais força, mas eles não se moveram.

“Helena!”, gritou. Talvez tivesse se acidentado dentro de casa. “Helena!”

Achando algo em que subir, escalou a cerca e espiou por cima. Viu a mulher caída de costas no chão, a cabeça virada para um lado. O conteú-

do de sua bolsa encontrava-se espalhado ao redor, os pés estavam descalços e toda a sua papelada esvoaçava pelo jardim.

Ela deve ter se sentido mal e desmaiado, pensou Roger, pulando para o chão. Ajoelhado ao lado da mulher, viu que seu rosto e pescoço estavam roxos. Tocou-lhe os cabelos. Estavam emaranhados com sangue e terra.

Entrou e correu para o telefone.

— Emergência — atendeu uma voz.

— Sim! É uma emergência! Por favor... Meu nome é Roger Franklin...

— Qual é o problema, senhor?

— Minha mulher foi atacada! Está caída no jardim... Acho que está morta!

— Poderia repetir, senhor? — A linha chiava e sibilava.

— Acho que minha mulher foi assassinada!

Roger Franklin nem ouviu quando os paramédicos derrubaram parte da cerca para entrar. Estava ajoelhado ao lado de Helena, carinhosamente afastando as formigas dos lábios inchados.

SEM PROGRESSOS

H

ELENA havia sido espancada e estrangulada. A julgar pelo sangue nas roupas e pelos vergões e lacerações na cabeça, pescoço e corpo, ela lutara desesperadamente. Mas não fora roubada ou estuprada. Tampouco a casa tinha sido assaltada.

Roger ligou para o sogro que mo-

rava agora em Lymington, uma cidadezinha bonita de frente para a Ilha de Wight.

– Não consegui protegê-la – disse ele ao pai de Helena. – Eu falhei.

Sydney não culpava Franklin, apenas não sabia o que dizer. Eram dois homens arrasados e sozinhos. Por fim, balbuciou:

– Nós dois a amávamos tanto...

Na Califórnia, o sargento Chaput também estava em estado de choque. Faltavam menos de três semanas para Helena voltar ao tribunal e

Em vez disso, dirigiu sua BMW branca por 550 quilômetros até Los Angeles, onde teve um acidente de carro no dia 15 de agosto. Quando lhe perguntaram por que mudara de idéia, respondeu: “De repente me dei conta de que não havia nada interessante em Tahoe.”

Ao voltar a San Diego três meses após o homicídio, Sydney Greenwood encontrou a investigação parada, a tal ponto que a Gen-Probe contratara investigadores particulares. Descobriram um vizinho de

Sydney estava convencido de que o assassino fugira pela linha férrea e pulara no primeiro trem.

dar seu testemunho. Agora, que não havia vítima, como poderia haver julgamento?

– Acha que foi Roger? – perguntou-lhe um dos detetives do departamento de homicídios de San Diego.

– É muito pouco provável – respondeu Chaput. – Ele a amava. Eu apostaria alto em David Frediani.

Os detetives descobriram que Frediani, que estava de licença do trabalho enquanto não era julgado, estivera no sul da Califórnia na semana da morte de Helena. Tendo dito à garota com quem andava saindo e a Audrey, que recentemente dera à luz gêmeos, que precisava de umas férias, Frediani contou que ia para Lake Tahoe, um *resort* nas montanhas, a 270 quilômetros de São Francisco.

Frediani que afirmou tê-lo visto, após 22 de agosto, com arranhões profundos no rosto e no pescoço. Mas a batida de carro, os arranhões e as despesas com cartão de crédito no sul da Califórnia não eram o bastante para colocar David Frediani no jardim de Helena Greenwood na manhã em que foi morta.

“Vocês não poderiam usar o novo exame de DNA?”, pediu Sydney aos detetives, na esperança de que a ciência que tanto instigara a filha pudesse conter a chave de sua morte.

Não havia a menor chance, responderam. Em 1985, os exames de DNA em tecidos e secreções para fins jurídicos ainda engatinhavam. As amostras precisavam ser muito maiores do que as que haviam sido

encontradas no corpo de Helena. Os tribunais não aceitariam.

Para um pai cuja única filha voltara para casa numa caixa de metal no porão de um avião e que enterrara suas cinzas ao lado das da mulher falecida recentemente, isso era mais do que Sydney podia suportar.

Ele e Roger saíram pela 23rd Street, batendo em cada uma de suas nove portas. Toda vez que uma delas se abria, ele dizia: "Sou Sydney Greenwood, pai de Helena. Você se lembra de ter visto algo no dia em que ela morreu?"

Ninguém se lembrava, embora o vizinho da casa ao lado, que no dia estava se arrumando para ir trabalhar por volta das 8h45, tenha dito: "Ouvi um barulho que nunca vou esquecer. Parecia um grito abafado." Mas até se vestir e correr para a rua, o grito cessara e não havia ninguém por perto.

Sydney estava convencido de que o assassino de Helena fugira pela linha férrea e pulara no primeiro trem saído da estação de Del Mar, a menos de um quilômetro dali. Relutante, admitiu que havia pouca chance de que alguém fosse acusado do crime. Um dos detetives lhe disse: "Eu sinto muito, Sr. Greenwood, mas acho que é melhor o senhor tentar seguir em frente com sua vida."

Sydney voltou para a Inglaterra, sozinho com sua dor. Lembrou-se de um dia, quando Helena tinha 6 anos, em que ela, ele e Marjorie caminhavam de mãos dadas por um píer. Helena carregava sua boneca

de pano favorita. Sydney havia pintado o rosto da boneca e Marjorie tinha feito as roupas. De repente, o vento soprou com força e Helena deixou a boneca cair dentro d'água. Um barqueiro a salvou, mas, quando a boneca lhe foi entregue, Helena deu um grito. A água apagara seu rosto.

Durante muito tempo, conforme admitiu certa vez, Helena teve medo de ser lavada e apagada como a boneca.

O TRABALHO DE UMA MULHER



RA ABRIL DE 1998 e a vice-xerife Laura Heilig, do departamento de homicídios de San Diego, abriu a gaveta do arquivo de metal de seu escritório entulhado. Tirou três volumosas pastas marrons lá de dentro marcadas "Helena Greenwood, falecida".

Laura, 49 anos, veterana de mais de cem investigações de homicídio, havia demonstrado rara persistência e talento para encontrar e capturar assassinos que passaram anos achando que haviam conseguido escapar.

Agora, ela estava encarregada do setor de arquivos — uma soturna coleção de 300 homicídios sem solução que datavam de até 1934.

A detetive de fala mansa, com um pouco mais de 1,50 metro de altura, olhar carinhoso e cabelos louros presos num rabo-de-cavalo, não era uma investigadora comum. Para



Cena do crime – Laura Heilig em frente à casa de Helena. A cerca de bambu e o portão continuam como eram na época do homicídio.

início de conversa, seus netos achavam que uma avó que ia para o trabalho carregando algemas e uma arma era algo muito emocionante. Ela também tinha sobre a mesa de trabalho um lembrete que dizia: “Tudo posso naquele que me fortalece.”

Laura entrou tarde para a área criminal. Quando o marido que sustentara para que ele cursasse a universidade a abandonou com os dois filhos adolescentes, Laura, que nem ao menos terminara o secundário, teve de ganhar mais dinheiro a fim de cuidar da família.

Trabalhava como tipógrafa de *offset*, cavava fossos e fazia soldagens.

Mas o trabalho era sazonal e não havia benefícios. A irmã então sugeriu que entrasse para a polícia: proporcionava um salário fixo e uma pensão. Ela ingressou na academia de polícia e no departamento do xerife aos 32 anos, satisfeita de passar o resto da vida dirigindo uma viatura policial. Por mero acaso, envolveu-se num caso grande de “desova” de corpos e, daí para a frente, solucionar assassinatos tornou-se a sua vida.

Laura ouvira falar do caso Greenwood no fim da década

de 80. Sabia que Roger Franklin voltara para o norte da Califórnia, casara-se de novo e tivera dois filhos. Sydney Greenwood retornara às suas pinturas e a uma vida solitária na Inglaterra.

David Frediani foi julgado por agredir Helena sexualmente. Por duas vezes os promotores, usando o testemunho preliminar da vítima, conseguiram a condenação. Por duas vezes ele apelou e ganhou. Um pouco antes do terceiro julgamento, ele fez um acordo de não-contestação. Isso permitiu que aceitasse as acusações sem ter de admitir culpa. Para quem se via diante de uma pe-

na de 11 anos, acabou com uma de seis e foi solto depois de três.

Em 1990, concluiu o mestrado em administração e agora era analista financeiro da Pacific Bell, em São Francisco. Morava com uma namorada no confortável bairro de Burlingame.

Uma vizinha, cujos filhos chamavam Frediani de "tio Paul", comentou: "Se meu encanamento quebrasse, ele se metia debaixo da pia durante oito horas, até consertá-la. Ele é esse tipo de pessoa."

REABRINDO O PASSADO

TREZE ANOS depois, Helena continuava caída no jardim, congelada nas fotos da cena do crime, agora espalhadas sobre a mesa de Laura Heilig. Todos os ângulos apareciam e nem um único detalhe do corpo e de seus pertences havia sido esquecido. Fotos horripilantes da autópsia enfatizavam a terrível surra que ela havia sofrido antes de ser estrangulada.

Enquanto lia as anotações antigas, ficou claro para Laura que Frediani tinha razões de sobra para matar Helena. A empresa em que trabalhava garantiu-lhe o emprego de volta se fosse absolvido. E, com uma namorada grávida, a cadeia parecia ainda menos atraente. Sua defesa inicial para os detetives – "Eu estava muito bêbado quando fiz aquilo" – não ia salvá-lo no tribunal contra o testemunho de Helena. Licenciado

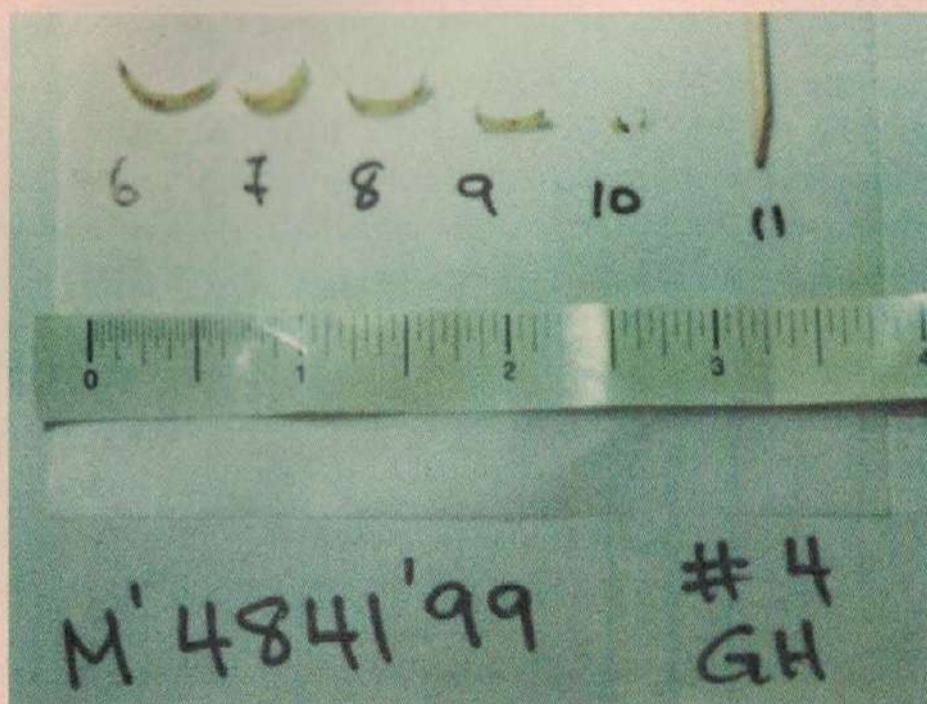
do trabalho, dispôs do tempo necessário e da oportunidade de silenciar a testemunha-chave da acusação, acreditando que, se não houvesse vítima, não haveria julgamento.

Talvez Helena ainda possa nos ajudar a colocá-lo atrás das grades, pensava Laura enquanto caminhava em direção ao depósito da polícia, onde todos os pertences de Helena estavam guardados em caixas. Talvez uma testemunha silenciada não seja tão silenciosa, afinal.

"Nenhum caso me afeta, até eu pegar o suspeito", Laura Heilig vivia dizendo. "Quando todas as peças se encaixam e o sujeito está na cadeia é que fica emocionalmente difícil para mim." Mas examinar as roupas usadas por Helena no dia de sua morte foi perturbador. Os sapatos, as meias rasgadas, o cinto que ela jamais teve tempo de colocar, um brinco arrancado da orelha na sua luta pela vida...

A detetive tinha esperança de que o conteúdo da bolsa de Helena talvez guardasse alguma pista, e assim enviou batons, pó compacto e outros objetos de metal ou de plástico para deposição de metal a vácuo, um processo que, mesmo depois de todo aquele tempo, podia encontrar impressões digitais. O suspeito talvez tivesse tocado esses objetos durante a luta. Os resultados foram negativos.

Então Laura encontrou dois envelopes, selados havia 13 anos. Abriu um deles e dentro deste havia outro. Finalmente deu com uma caixa de plástico transparente. Con-



Pista vital – Os resíduos raspados da unha da mão esquerda de Helena (GH 4 #10).

tinha unhas cortadas da mão direita de Helena durante a autópsia.

O outro pacote continha uma caixa idêntica, desta vez contendo unhas da mão esquerda, cortadas de forma que as manchas de sangue pudessem ser examinadas para detecção do tipo sanguíneo. Havia ainda um palito e o que parecia ser uma farpa de madeira, não muito maior do que duas cabeças de alfinete. Eram os resíduos que haviam sido raspados, com o palito, de sob as unhas de Helena, antes de serem cortadas.

Embora não houvesse sangue suficiente para ser examinado, todas as amostras haviam sido empacotadas e guardadas. Laura ficou impressionada. Será que alguém pressentiu que a tecnologia chegaria lá um dia?

A mesma tecnologia que Helena trabalhava para desenvolver agora podia analisar o menor dos resíduos

Serológica (SERI), em Richmond, Califórnia, na esperança de que os exames de DNA lhe dessem uma pista sobre o assassino. Também precisava do perfil genético da cientista para comparar com o DNA encontrado nas unhas.

Alguns fios de cabelo de Helena, com raízes, haviam sido removidos na autópsia. Laura também os enviou para o SERI, além de um retalho manchado de sangue tirado do *blazer* da vítima.

Ela temia que, após tanto tempo, o DNA estivesse degradado demais para permitir qualquer resultado significativo. O DNA é uma molécula linear comprida, como espaguete. Se você atirar o espaguete contra a parede, partes dele se quebrarão em pedaços. Com o tempo, o DNA se comporta de maneira muito parecida.

Mas a detetive estava com sorte.

de DNA humano e identificar a composição genética única de um indivíduo. Em um caso, Laura havia encontrado uma ponta de cigarro dentro de uma lata de cerveja guardada na polícia desde 1980. O DNA que ela continha levou-a diretamente ao culpado.

Em janeiro de 1999, Laura enviou as unhas e raspagens de Helena para o Instituto de Pesquisa

Cinco das raízes dos cabelos continham DNA suficiente para serem examinadas. Agora, de posse do perfil genético de Helena, Gary Harmor, analista de DNA forense do SERI, podia examinar a farpa de madeira suja de sangue. O sangue era de Helena, apenas.

Em seguida, Harmor examinou as unhas da mão direita. Havia evidência de uma “pequena quantidade do DNA de outra pessoa misturado ao de Helena”, mas não o bastante para ser significativo. Passou à mão esquerda. A caixa continha quatro unhas, que receberam os números de prova GH 4 #6 a GH 4 #9. A unha 4 #6 mais uma vez continha uma pequena quantidade de DNA parecida com a do perfil de Helena. A 4 #7 também indicava que “outra pessoa estava presente... embora os resultados sejam tênues demais”.

Harmor passou ao item GH 4 #10, os resíduos raspados das unhas da mão esquerda de Helena. Tinham a consistência de pele e a cor de sangue seco. Seria tecido humano com sangue ou apenas terra?

No dia 20 de setembro de 1999, Laura Heilig teve a resposta. “Os resíduos encontrados na mão esquerda eram a carne de Helena manchada de sangue”, disse Gary Harmor. “Mas o sangue não é dela.”

Laura sentiu uma onda de triunfo invadi-la. Seria a prova de que precisava? Entrou em contato com o Departamento de Justiça, em Berkeley, que guarda as amostras

de sangue de todos os criminosos sexuais fichados.

Concordaram em enviar uma amostra de David Frediani a um laboratório em Maryland para a análise de DNA. Isso evitou que o advogado de defesa alegasse que as amostras da vítima e do suspeito poderiam ter sido contaminadas e, portanto, não seriam provas confiáveis.

O JOGO DA ESPERA

A

EQUIPE de Laura começava a se frustrar com o lento progresso dos exames.

— Laura, é sobre as amostras — disse Mary Buglio, cientista forense da divisão de homicídios, ao entrar no escritório de Laura. Era o dia 9 de novembro e ela acabara de falar com o laboratório que estava analisando o sangue de Frediani e o DNA de Helena. Mary estava sombria.

— O que foi agora? — perguntou Laura.

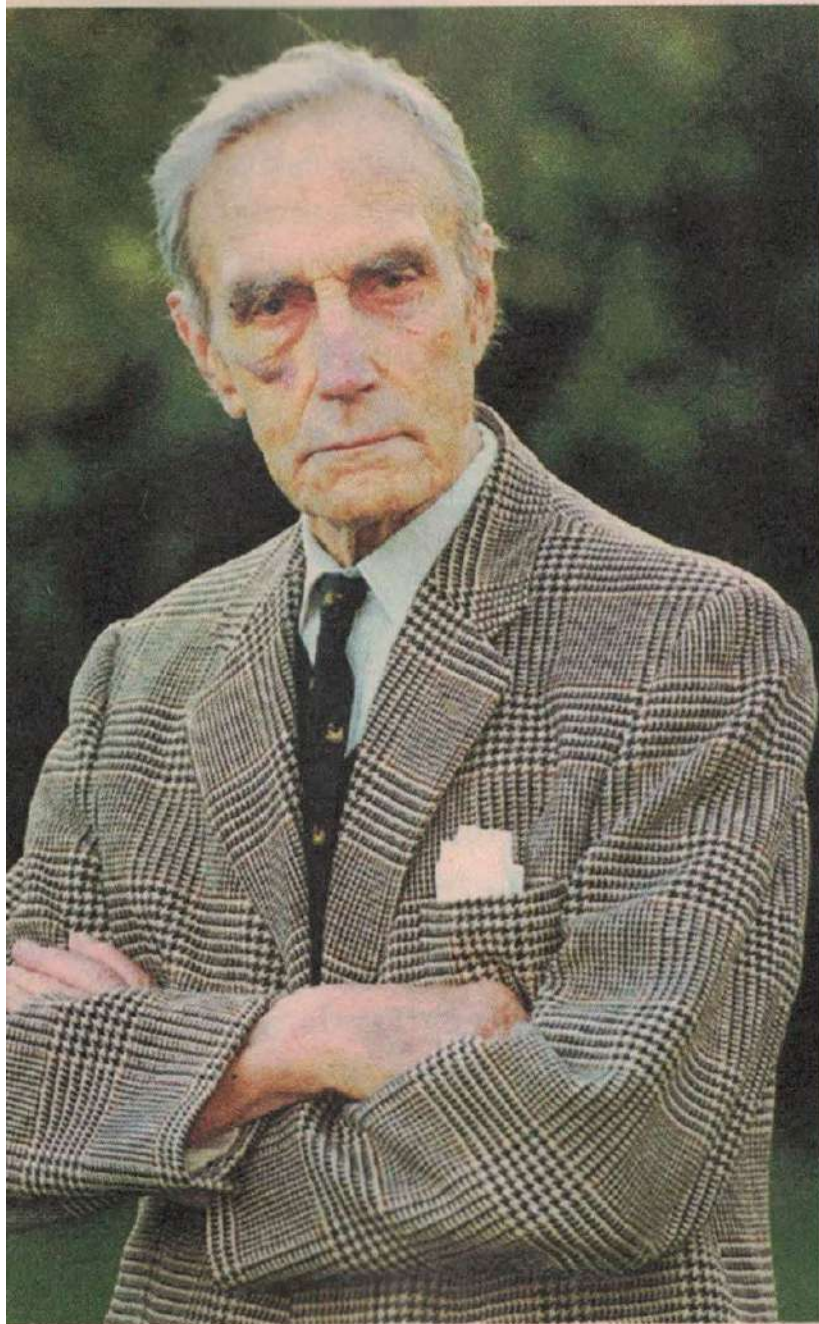
— Correspondem — a colega sorriu. — As amostras correspondem!

Os seis marcadores genéticos do sangue de Frediani correspondiam aos das raspagens retiradas da mão esquerda de Helena. Do outro lado da vida, a Dra. Greenwood pegava o seu assassino.

Mas Laura ainda tinha reservas.

— Quais são as chances de não ser ele? — quis saber.

— Uma em cerca de 800 — respondeu Mary.



O amor de um pai – A morte da filha foi arrasadora para Sydney Greenwood.

– Precisamos de números mais expressivos – disse Laura.

A probabilidade de o criminoso ser outra pessoa que não David Frediani tinha de ser tão insignificante que nenhum júri deixasse de condená-lo. Ela não conseguia tirar as imagens de Helena da cabeça. *Esse homem não pode fazer isso com mais ninguém.*

Laura decidiu tentar outro teste. Um novo exame de DNA, chamado Short Tandem Repeat (STR), não só poderia proporcionar dez marcadores genéticos além dos seis que já tinham, como também detalhar ainda mais cada um deles. Munido de um perfil genético mais minucioso da amostra de sangue de Frediani, Gary Harmor tornou a analisar o DNA de Helena.

Mais uma vez, os pequenos resíduos tirados da mão esquerda da vítima não desapontaram Laura.

– Quantas pessoas no mundo compartilham o mesmo perfil? – perguntou a Harmor, quando ele terminou o segundo exame.

– Uma pessoa em 2,3 quatrilhões, aproximadamente.

– Números magníficos – sorriu Laura, ao encaminhar um pedido de mandado de prisão para David Frediani.

UMA RAZÃO PARA VIVER

SYDNEY GREENWOOD não reconheceu a voz do outro lado da linha. Era uma voz de mulher, e americana.

– Sou a detetive Laura Heilig e estou prestes a prender o homem que matou Helena.

Fez-se uma pausa. Ela sentiu o choque do outro lado.

Para Sydney Greenwood, então com 87 anos, uma porta se abriu de repente para um local onde não desejava mais entrar. Subitamente sentiu a presença da filha, quase perto o bastante para tocá-la. Na parede da sala com poucos móveis havia um retrato que ele pintara da filha, adolescente, vestindo um macacão azul.

Mas a curiosidade foi mais forte:

– Como conseguiu pegá-lo?

Laura lhe contou sobre os exames de DNA.

– Ela ficaria fascinada – disse Sydney, orgulhoso. – Helena sabia que o DNA representava o futuro. Ela acreditava que na ciência estava a resposta para todos os mistérios.

Sydney agora era só animação, contente em falar sobre a filha:

– A senhora sabia que esse homem já tinha invadido a casa dela para roubar?

Laura então se deu conta de que Helena não contara ao pai sobre a agressão sexual.

Sydney contou a Laura que Roger Franklin morrera alguns meses antes, de câncer no pâncreas. Ele próprio estava com câncer na próstata. O ar lhe vinha em pequenas e bruscas explosões.

– A terrível morte de Helena foi como ondulações na superfície de um lago. Foram se espalhando e arruinando a vida de muita gente.

Apesar dos prognósticos médicos pouco animadores, Sydney continuava independente. Ainda dirigia

seu carro para fazer compras e recusava todas as ofertas de auxílio institucional. Agora, o telefonema de Laura renovara-lhe a vontade de viver. Jurou que viveria tempo bastante para ver o assassino da filha ser julgado. Depois disso, estaria livre para se juntar a ela.

– Não tenho palavras para lhe agradecer – disse a Laura, e em seguida acrescentou, zombeteiro: – Uma mulher detetive de homicídios... Quem poderia imaginar?

Naquele domingo, como de costume, Laura foi à igreja com Robert, seu segundo marido. Lá, rezou para que Sydney Greenwood vivesse para ver Frediani preso.

No Natal, mandou um cartão a Sydney. “Venho rezando pelo senhor”, escreveu. Sem aviso, um pacote azul chegou da Inglaterra. Sydney lhe enviou um de seus quadros, uma aquarela de barcos de pesca num vilarejo da Cornualha. “Era lá que passávamos as férias, quando Helena era criança”, contou ele.

‘VIRE-SE...’

DAVID FREDIANI saiu do elevador na garagem subterrânea do condomínio onde morava e caminhou em direção ao carro. Vestia um terno escuro. Na noite anterior, fora à estréia de gala do balé *Quebra-Nozes*. Agora eram 8 horas.

– Sr. Frediani?

Uma mulher miúda, que mal ba-

tia em seu peito, bloqueava-lhe a passagem.

— Sim.

— Sou a detetive Heilig, do departamento do xerife. Tenho um mandado de prisão contra o senhor.

Ele não tinha para onde correr. Laura estava acompanhada de seis homens. Frediani encarou cada um deles. Sobressaltou-se ao ver Steve Chaput. Na esperança de que um dia Frediani tivesse de responder a outra acusação, o sargento guardara todas as provas do caso de agressão sexual e as passara para Laura.

— Que história é essa? — indagou Frediani a Laura.

— Vire-se e eu explico — respondeu ela, fechando as algemas em torno de seus punhos. — O senhor está sendo preso pelo assassinato de Helena Greenwood.

Frediani não pronunciou uma só palavra, limitando-se a olhar fixamente para a frente. Laura observou toda a cor sumir do rosto dele.

— Vocês pegaram o homem errado. Não fui eu — insistiu.

Laura preparou uma armadilha, tentando pegá-lo desprevenido.

— Talvez tenha acontecido assim — sugeriu ela. — O senhor foi conversar com Helena e disse: “Ouça, eu não posso ser julgado, vai arruinar meu nome, vai me custar o emprego.” Então ela o atacou. Talvez a vítima tenha sido o senhor, que entrou em pânico...

— Não fui eu!

Laura confrontou-o com o resultado do exame de DNA.

— Encontramos o seu DNA no corpo dela.

Frediani a olhou com frieza.

— Isto não passa de uma conspiração. Em 84 e 85 a polícia estava atrás de mim e, pelo visto, continua.

MONTANDO UM QUADRO

NESSE ÍTERIM, Laura foi até Del Mar. Encontrou-se na casa de Helena com Rod Englert, um competente consultor forense. Se conseguisse levar o caso a julgamento, Laura queria que o júri soubesse exatamente como Helena morrera, que ela era uma pessoa real, e não uma simples estatística.

— Poderia se ajoelhar? — pediu-lhe Englert quando estavam de pé junto ao portão onde Roger Franklin encontrara o corpo da mulher.

Ninguém achara a arma que infligira dois cortes profundos atrás da cabeça de Helena, um de aproximadamente quatro centímetros e outro de pouco mais de meio centímetro.

Laura colocou a nuca na mesma altura da tranca pontuda, que ficava a 1,20 metro do chão. As dimensões do trinco correspondiam exatamente aos ferimentos da cabeça de Helena. Suas meias haviam sido rasgadas na altura dos joelhos e a carne, contundida e cortada. Englert tinha detectado sangue nos ombros do *blazer* de Helena, no local por onde o assassino a agarrara. Ele devia tê-la forçado a se abaixar e então batera com

a cabeça dela no trinco, enquanto a estrangulava.

Mas os salpicos de sangue no portão, cujos formatos indicavam suas diferentes velocidades – estudadas por Englert nas fotografias da polícia e nas roupas da vítima –, demonstravam que Helena também sangrara enquanto estava de pé. Com David Decker, responsável pela investigação original, representando o assassino e ela própria no lugar de Helena, Laura agora executava uma estranha mímica sob a direção de Englert.

– Ela estava de pé, caiu e foi vencida – disse Englert. – As provas mostram que ela resistiu com muita violência.

Cada vez que Helena tentava ficar de pé, encontrava mais e mais dificuldade à medida que suas forças se esvaíam. Ela havia pisado no próprio sangue e deixado uma pegada em um dos papéis espalhados no chão.

Helena provavelmente levou dez minutos para morrer. Durante seis minutos, até o sangue escoar do cérebro e ela começar a perder a consciência e a visão, deve ter olhado nos olhos de seu assassino.

Ele também havia deixado uma pista gritante.

– A posição em que ela foi encontrada não é compatível com estrangulamento – disse Englert.

Laura se lembrava claramente de uma das fotos tiradas de Helena: de costas, a saia erguida até a cintura mostrando as roupas de baixo, pernas abertas ao máximo, joelhos dobrados e pés se tocando, como um sapo.

Sob uma iluminação muito forte, Englert mostrara a Laura duas marcas de mão sangrentas, muito tênues mas nítidas, nas meias de Helena, na altura dos tornozelos.

– O corpo foi arrumado, não foi? – indagou Laura. – O insulto final.

DIA DO JULGAMENTO

PODE identificar o homem que prendeu? – perguntou a promotora.

– É aquele ali, à cabeceira da mesa – respondeu Laura Heilig, apontando para David Frediani, sentado na pequena sala do tribunal, apinhada de gente.

Era janeiro de 2001 e, até ali, Frediani passara a maior parte do julgamento com o olhar fixo à frente, fitando, com indiferença, a insígnia acima da cadeira do juiz.

Naquele momento ele se virou e olhou diretamente para a detetive que o caçara até prendê-lo. Seus olhos se encontraram. Laura estremeceu. Olhou para a figura de saia e *blazer* de linho azul-claro e blusa preta – um manequim com as roupas que Helena Greenwood usava no dia em que morreu.

A promotora Valerie Summers estava encarregada da acusação. Como sempre, a advogada de 39 anos e cabelos negros fizera um trabalho impressionante ao apresentar o caso.

Trazia dez caixas de documentos, cartazes com fotografias e gráficos. Com Laura Heilig, reunira 25 teste-



Em busca da verdade – A promotora Valerie Summers não deixou saída para Frediani.

munhas contundentes: especialistas em DNA, cientistas forenses, paramédicos que trabalhavam em cenas de crimes, diversos dos antigos colegas de Helena e um empreiteiro, que testemunhou que Frediani o usara como álibi para livrá-lo da acusação de agressão sexual de 1984.

Mas a ciência foi o centro das atenções. Valerie se mostrou minuciosa e abordou direto o assunto. A um júri majoritariamente feminino explicou as complexidades do DNA em linguagem simples.

Usando sangue cenográfico para mostrar como ocorriam os diversos tipos de borrifos de sangue, Rod Englert salientou que o estrangulamento era o tipo de homicídio mais íntimo que havia: a raiva passava das

mãos do assassino para o pescoço da vítima.

A cada passo do julgamento, que durou duas semanas, a promotora lembrava ao júri que, muito embora o assassinato tivesse ocorrido em 1985, Helena Greenwood era uma pessoa de verdade cuja vida sem máculas lhe havia sido arrancada. À época do julgamento, esta-

ria com 51 anos. Colegas como Tom Adams acreditavam que ela teria fundado a própria empresa de biotecnologia. E estaria milionária, apenas com o valor das ações que possuía da Gen-Probe: a companhia que ajudara a construir fora vendida em 1989 por 110 milhões de dólares.

Os pensamentos de Laura Heilig raramente se afastavam de Sydney, na Inglaterra. Por meio de telefonemas constantes, sabia que ele corria o risco de não viver para saber o veredicto.

Inesperadamente, David Frediani quis depor. Laura ficou feliz da vida. Isso daria a Valerie Summers a oportunidade de mostrar ao mundo que tipo de homem ele era.

Valerie queria forçar Frediani a

admitir em público, pela primeira vez, o que acontecera na invasão da casa de Helena Greenwood em 1984.

— Sr. Frediani, no dia 7 de abril de 1984 o senhor invadiu a casa da Dra. Greenwood e a forçou a praticar sexo oral no senhor?

Todos se ajeitaram nas cadeiras, os ouvidos se aguçaram. O acusado estava sendo pressionado, como um lutador de boxe encurralado no canto do ringue.

— Eu já disse que não contesto essa acusação.

— Isso não responde à minha pergunta — devolveu Valerie, asperamente. — O senhor forçou a Dra. Helena Greenwood a praticar sexo oral no senhor?

— Dizer que não contesto uma acusação não é o mesmo que admitir minha culpa? — retrucou Frediani.

A promotora repetiu a pergunta. Frediani se virou na cadeira e dirigiu-se ao júri:

— Vou admitir a culpa para podermos ir em frente, porque isto nada tem a ver com o homicídio.

Valerie tornou a pressioná-lo, mas ele se recusou a dar uma resposta direta.

— Estou aceitando a responsabilidade. O que mais quer de mim?

— Quero a verdade. O senhor for-

çou a Dra. Helena Greenwood a praticar sexo oral no senhor, não forçou?

— Sim, é verdade.

Laura sentiu os olhos úmidos.

Valerie Summers recapitulou o caso para o júri.

— Os senhores podem ver David Frediani ali — disse ela, mostrando uma foto das unhas cortadas da mão esquerda de Helena. — Podem ver a terra e o sangue.

LAURA HEILIG discou um número bem conhecido. Sydney Greenwood estava quase inconsciente, mal conseguia falar; achava-se doente demais para atender o telefone, explicou um vizinho que cuidava dele.

— Por favor, diga a ele que o assassino de Helena foi condenado e nunca mais vai sair da prisão. E, por favor — acrescentou —, diga que continuo a rezar por ele.

Pouco depois, Sydney Greenwood abriu os olhos e, por um instante, pareceu recobrar a consciência. Quando lhe deram o recado de Laura, ele assentiu com a cabeça.

Ele entendera.

Sydney morreu onze horas depois.

Na volta para casa, um pensamento cruzou a mente de Laura Heilig: *Obrigada por nos ajudar a dar a Sydney o único presente que ele ansiava ganhar.*

MÁS INTENÇÕES

Na festa de batizado, vi uma garota se aproximando do pai do bebê.

— Posso fazer um carinho? — pediu, olhando o bebê em seu colo.

— Claro — respondeu o pai. — Mas antes deixe-me largar o bebê.

—TINA BOWDEN, *Grã-Bretanha*